

A dona da festa

Merina Aragão Há 32 anos, ela comanda a maior bagunça organizada do mundo



Alexandre Lyrio
REPORTAGEM
alexandrelyrio@rede-bahia.com.br

Íamos ao seu encontro, quando ela passou voando no corredor. Estava ao celular.

– Não! Furdunço não tem trio grande... É pequeno! No máximo pranchão! No máximo dez metros... Eu vou medir! Eu vou estar lá com a treina, viu!

Voltou correndo novamente para a sala. Seguimos seu rastro quando, de novo, deu meia volta com o celular.

– Olha, vão chegar uns officios aí com uns projetos grandes! Psírico, Alavontê...

Quando fez menção de um novo drible, a interpelamos no meio de uma ligação.

– Merina Aragão?

– Sim...

– Somos do CORREIO...

– Ah, venham comigo...

Nesta época do ano, Merina fica para lá e para cá. Na verdade, não para quieta há 32 anos, quando a organização do Carnaval de Salvador passou a concentrar-se em suas mãos. Antes disso, já trabalhava na festa. Atual gerente de Carnaval da Saltur, hoje Merina é a principal responsável por administrar a maior bagunça organizada do planeta.

Da disposição dos banheiros químicos ao cadastramento de ambulantes, da definição da fila dos trios elétricos à articulação com as forças de segurança e a localização dos postos de saúde. Tudo passa por ela. Merina só não dá palpite em dois detalhes fundamentais: os camarotes, de competência da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedur), e a contratação das atrações culturais, atribuição da diretoria da própria Saltur.

O resto está sob a responsabilidade dela e de sua equipe. Inclusive, a organização das atrações depois de definidas. Discreta, sem alarde, ela comanda cada detalhe, conhece a posição exata de cada estrutura montada nos circuitos, e, principalmente, assina as dezenas de documentos envia-

“É um quebra-cabeça muito encaixado. Se mexe em uma peça pode movimentar tudo. Aí você enxerga o tamanho da coisa

“Estruturas como postos de saúde eram tão frágeis e pequenas que se moviam com a vibração dos trios. Não tínhamos nem telefone

“Tem que ter fé. Articulação direta com Senhor do Bonfim. Tenho certeza que ele também é carnavalesco Merina Aragão

Gerente de Carnaval da Saltur

dos para cada um dos órgãos envolvidos. “Eu sou uma emittidora de officios”, define-se Merina, quando finalmente eu e o fotógrafo Evandro Veiga sentamos à sua mesa.

As ligações continuaram a chegar. Mas ela vai contando: “A partir de julho, os blocos se cadastram após o Conselho Municipal do Carnaval publicar uma resolução. O dia que pretendem desfilar, as atrações que pretendem contratar e até a previsão do número de associados são requisitadas”.

Todas as informações do cadastro são remetidas para os órgãos públicos. “Da Coelba à PM, todos precisam dessas informações. A Coelba precisa saber como fazer a iluminação e quantos panfletos de conscientização vai distribuir, por exemplo. A PM tem que saber o peso de cada atração, onde e em que horário cada uma vai estar”, explica Merina.

No início do ano, a Central Única de Vitorias é montada para avaliar a condição dos caminhões. “A gente reúne órgãos periciadores e licenciadores. Tem Detran, DPT, Bombeiros, Crea, Semop, Vigilância Sanitária. É uma rede enorme. Só para você ter uma ideia, 99% dos órgãos da prefeitura estão no Carnaval.”

“É um quebra-cabeça muito encaixado. Se você mexe em uma peça, pode movimentar tudo. É aí que você enxerga o tamanho da coisa”, explica.

REZA

Mesmo a mulher que gerencia tudo isso, acaba pedindo ajuda superior. E não é do prefeito. “Para que tudo dê certo, é preciso rezar. Rezo para as embreagens de trios não quebrem, para os geradores não vazarem. Tem que ter fé. Articulação direta com Senhor do Bonfim. Tenho certeza que ele também é carnavalesco.”

O cargo exige jogo de cintura. Inclusive para lidar com órgãos que não fazem parte da gestão municipal. Merina também cuida do Réveillon, do Festival da Primavera e do Festival da Cidade.

Não à toa, ela atravessou intocável as diversas gestões da prefeitura, desde 1978. De Mário Kértész a Fernando Jo-



sé, de Lídice da Mata a Antônio Imbassahy, de João Henrique a ACM Neto.

Arquiteta de formação, começou no Orgão Central de Planejamento (Oceplan). No ano seguinte, foi para a Limpurb. Aí veio o primeiro contato com o Carnaval. “Eu trabalhava na operação de limpeza”. Empréstada para a antiga Sesp (Secretaria de Serviços Públicos), passou a cadastrar e acompanhar os ambulantes no Carnaval. Até que, em 1986, ano em que o cometa Harley prometia despontar no céu, Mário Kértész foi eleito após o fim da Ditadura e teve apenas um mês para organizar a festa.

Merina foi chamada às pressas. Dividiu a responsabilidade da coordenação executiva com Odac Miranda, Manoel Rocha, conhecido como Tinta Forte, e José Henrique Barreiro. Para ficar a par de tudo, Merina se debruçou sobre um arquivo inteiro guardado em um armário de ferro no Edifício Oxumaré.

“Sentei no chão e li tudo em uma semana. Estavam ali, dentro daquelas pastas, todos os documentos oficiais do Carnaval. Ali aprendi a fazer o Carnaval”. O tema daquele ano foi “Harley no Céu e o Fricote na Terra. Como todos sabem, o Fricote pegou fogo. Já o Harley... “O Harley foi o maior xabu”, lembra Merina.

Depois do Carnaval, Merina foi devolvida à Limpurb. Só até o Carnaval seguinte, quando Wally Salomão a chamou para integrar novamente a organização, de onde nunca mais saiu. Em mais de 30 anos de trabalho duro na folia, Merina viu – e contri-

buiu diretamente – para a evolução do Carnaval.

A primeira grande mudança aconteceu na gestão de Lídice da Mata. “O Carnaval passou a ser pensado o ano inteiro e não só às vésperas. Antes, acabava o Réveillon e a gente corria atrás até de uma sala para começar a organizar tudo”.

ESTUDOS DE DENSIDADE

Nos idos de 2000 e 2001, quando a gestão de Imbassahy fez uma parceria com a Faculdade de Arquitetura, Merina diz que o Carnaval deu outra guinada.

O arquiteto e Carnavalesco Manoel José Carvalho, então diretor da faculdade, propôs criar uma arquitetura efêmera para a festa. Surgiu o conceito de cidade do Carnaval. Estudos de densidade de foliões foram realizados. “Pintamos madeirite de metro em metro, contratamos os ‘foliões’ e até os ‘cordeiros’. Botamos para tocar ijexá, Chiclete, samba. Simulamos o Carnaval e contamos quantas pessoas cabiam em um metro quadrado”.

Foram definidas as densidades baixa, média e a alta. “Isso mudou a maneira de pensar a festa”. Merina também já enfrentou momentos difíceis no Carnaval, como quando um incêndio em um casarão no Relógio de São Pedro obrigou a inversão do percurso da folia, em 2004.

Em 1987, o trio dos Comanches perdeu o freio e saiu atropelando a multidão. “O Teatro Gregório de Matos estava em reforma e o povo pegou as pedras da construção para frear o caminhão. Uma mulher grávida morreu. Amanheci no IML”, lamenta.



ROBSON MENDES/ARQUIVO CORREIO

Números serão divulgados amanhã

Apesar de controlar tudo, Merina Aragão e sua equipe ainda não fecharam os números da festa. Amanhã, a prefeitura vai realizar uma entrevista coletiva para divulgá-los. Mas, só para se ter uma ideia do tamanho do trabalho de nossa reportagem, aí embaixo está o balanço final do Carnaval de 2017, que bateu recordes e ficou conhecido como o Carnaval da pipoca.

“Acredito que esse ano a força da pipoca vai se repetir. O cadastro de blocos e trios independentes esse ano tem mais de 200 atrações. Boa parte delas sem cordas”, diz Merina, que ainda vê no bloco um elemento importante da folia. “O bloco é nossa essência. Acredito que o modelo mais recente entrou em crise porque os grandes não souberam se ajudar mutuamente. Mas uma nova forma de fazer Carnaval está surgindo”.

PIPOCA

No ano passado, muitos acreditavam que viveriam

um Carnaval em crise. Mas, a força da pipoca, aliada a grandes atrações sem cordas, mantiveram a grandeza e tornaram ainda mais democrática a festa. Em 2017, ocorreram 791 apresentações no Carnaval. Foram 997 horas de música até a terça-feira, mais quatro horas de Arrastão da Quarta-feira de Cinzas. Ou seja, mais de mil horas de som.

Foram 300 apresentações sem cordas durante a festa. O tempo médio de desfile foi de 4,5 horas (melhor performance de todos os tempos). Os palcos temáticos (Samba, Multicultural e Rock) tiveram uma média de 27 mil pessoas nos dias de folia. O

Palco Skol registrou média de público de 80 mil por noite. No total, 19.202 artistas se apresentaram no Carnaval. Os bairros receberam 250 apresentações e 880 mil foliões. Até a Vila Infantil bombou. Recebeu 6.073 crianças. O Fuzué e o Furdução, no Pré-carnaval, registram mais de um milhão de pessoas

Só trabalho: Merina até coloca um penduricalho ou outro no cabelo, mas não brinca Carnaval há 32 anos

KNOW-HOW

Hoje, o know-how do Carnaval da Bahia é motivo de orgulho. Muitos pesquisadores visitam a gerência da Saltur para buscar informações de como realizar um evento desse porte com segurança. “Dia desses recebemos um representante da Alemanha que disse: ‘Olha, se a gente fizesse uma festa dessas morria não sei quantos. Essa pele com pele não é deles’”.

Com toda a experiência, Merina ainda administra muitas pendengas, como as brigas pela fila e pelo espaço. “Tem uma equipe que trabalha na madrugada montando a fila”. O Carnaval cresce e as responsabilidades também.

Com tanto trabalho, não dá tempo de brincar. Merina não sabe o que é isso há mais de três décadas. “Eu não brinco o Carnaval há 32 anos. No máximo uma fugidinha sem ninguém ver”. Quando isso acontece, ela se emociona.

Mesmo sem brincar, Merina vê a festa. Acompanha de

perto. Lembra de cada sentimento, de cada atração internacional, de cada alegria e decepção. Um Carnaval inesquecível? “O carnaváfrica, que a gente homenageou a África. Foi lindo!”. Como organizadora, Merina confirma que a crise do axé e a própria crise financeira reduziu o número de blocos. Mas, acredita que algo novo irá surgir.

“O Carnaval tá em transição. Tá tentando descobrir algo novo. Essa coisa das bandinhas tá caindo no gosto. A quantidade de pessoas que vem aqui, os grupos de amigos que querem criar um bloco. É a história sendo revisitada”. Compreensiva e aberta a sugestões, Merina só não entende uma coisa: gente que não gosta de Carnaval.

“Tem gente que tem fúria, que coloca tudo de negativo contra o Carnaval. Não dá pra entender. Eu adoro!”, sorriu, já despachando as ligações. - Oi, Raquel, ainda não! Preciso acabar aqui com os meninos!

Merina Aragão há mais de três décadas comanda o Carnaval. ‘Para que tudo dê certo, é preciso rezar’.



DIVULGAÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

TAMANHO DA FOLIA BAIANA EM 2017

1 Mil guardas municipais fizeram a segurança	10 Mil ambulantes com 2,5 mil licenças para isopor	1,2 Mil fiscais de ordenamento e iluminação	11 Postos de saúde com 130 leitos, 11 UTIs e 56 ambulâncias	2,6 Mil sanitários químicos e mais de 3 mil garis
--------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------

Acheaqui

na palma da sua mão.
Agora ficou mais fácil anunciar.

71 99916-9284

☎ 3535 3035 | seg a sex 7as 19h
☎ 9 9916 9284 | e sab 7 as 13h